

terrasdabeira

Imprimido em 08-05-2014 13:06:35

Jornal TERRAS DA BEIRA

Edição de 01-05-2014

Versão original em: <http://www.terrasdabeira.com/index.asp?idEdicao=867&id=44174&idSeccao=7771&Action=noticia> >

SECÇÃO: Opinião

Outros tempos, outras terras

Já nestas páginas ficámos a conhecer um pouco melhor o lobo ibérico; como é, a que ameaças está sujeito, que mitos originou, que futuro o pode e deve esperar. Mas quais as suas origens? Como evoluiu pelo mundo fora?

A investigação do começo de tudo também passa, curiosamente, por Portugal. Perto de Leiria, no local da descoberta do famoso “Menino do Lapedo” – que talvez tenha nascido do cruzamento entre um humano moderno e um Neandertal há cerca de 25 mil anos–, foram encontrados abundantes vestígios de lobos. Na raia espanhola, perto de Ciudad Rodrigo, existe uma imagem paleolítica de um lobo, dentro da figura de um auroque; no nosso Vale do Côa, podemos ver uma gravura que parece ilustrar um homem com cabeça de lobo – estes legados artísticos, com pelo menos 15 mil anos de idade, demonstram que o lobo desde sempre foi uma personagem importante na vida humana.

Alguns cientistas crêem que os canídeos surgiram na América do Norte, espalhando-se daí para a Ásia; outros julgam que um tipo de lobo primitivo, de pequenas dimensões, emigrou da Sibéria para o Alasca, quando ainda se encontravam ligados, tendo depois evoluído até ao lobo moderno.

Certo é que há 200 milhões de anos os primeiros mamíferos conviviam com os dinossauros. Mais ou menos quando estes se extinguíram, um pequeno animal, o cimolestes, terá sofrido uma mutação que o dotou de dentes capazes de mastigar carne. Destes antecessores dos carnívoros evoluíram duas famílias muito importantes: a Viverravidae, que acabou por originar os felinos, e a Miacidae, linha que, após mais alguns milhões de anos, resultou nos canídeos. Ou seja, cães e gatos, hoje inimigos figadais, descendem de antepassados comuns, tendo-se separado há cerca de 65 milhões de anos.

Hesperocyon, Mesocyon, Cynodesmus, Leptocyon. Estes nomes fazem parte da galeria de antepassados notáveis do *Canis davisii*, que, há 8 milhões de anos, foi o fundador do género *Canis*, com ossadas descobertas pela primeira vez bem perto de nós, em Espanha. Há menos de um milhão de anos, o *Canis lupus* já vivia na Europa e na América. O lobo distribuía-se por todo o Hemisfério Norte, incluindo o Norte de África, vivendo em diferentes habitats: nas terras geladas do Alasca, na tundra siberiana, em florestas na América do Norte e na Eurásia, até nas regiões semidesérticas da Arábia.

Hoje, sobrevivem três espécies: o lobo vermelho, o lobo da Etiópia e o lobo cinzento, *Canis lupus*. Deste, conhecemos inúmeras subespécies, como a ibérica, que provam o seu grande poder de adaptação: do grande lobo da Península de Kenai, no Alasca, com dois metros de comprimento e hoje extinto, ao pequeno lobo árabe, adaptado à dura vida no deserto, que pesa em média apenas 18 kg, passando pelo lobo ártico, de pelagem branca, ideal para se camuflar na neve.

Poderíamos ainda mencionar muitos outros parentes célebres, como o “lobo das Falkland”, canídeo (mas não um lobo) descrito por Darwin pouco antes da sua extinção, ou o dingo, provável regresso australiano do cão ao estado selvagem. O último censo a nível mundial, de 1998, refere a presença de lobo em 43 países; em 36 o número de lobos é estável ou tende a aumentar, nos restantes 7, o número de lobos está a diminuir. Das ameaças que ele presentemente enfrenta, assim como do seu estatuto legal em diferentes nações, falaremos noutra ocasião.

Texto produzido no âmbito do Projecto LIFE Med-Wolf, co-financiado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.

© 2003 Terras da Beira - Produzido por ardina.com, um produto da Dom Digital.

Comentários sobre o site: webmaster@domdigital.pt.

[Fechar](#)